

DIÁLOGOS

DE

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

PARA

O

ROTEIRO

DE

GERALDO SANTOS PEREIRA

"O CANGACEIRO E O SAMURAI"

RIO

AGOSTO/74

JPS

3. CANTADOR - Atenção que eu vou relatar

meu povo, preste atenção,
um ABC muito trágico
que aconteceu no sertão
envolvendo uma família
procedente do Japão.

Bendigo quem vive em paz
lavorando nas fazendas
assim vivia um nipon
livre de todas as contendas
pensando na sua terra
no Japão de muitas lendas.

Contam que um velho Massao
de sobrenome Takeda
morava então em São Paulo
negociando com seda
conceituado por todos
tomando chá e sakê.

Devido então a uma dívida
recebeu de pagamento
uma fazenda de gado
no interior da Bahia
mudando-se pra lá Massao
com a esposa Kimia.

E tornou-se fazendeiro
de mil cabeças de gado
mas depois enviuvando
ficou triste e desolado
escreveu para o Japão
aos seus entes adorados.

Fez então uma missiva
para um seu sobrinho amado
chamando-o para herdeiro
de sua fazenda de gado
Kyoshiro era o sobrinho
disse sim ao seu chamado.

.....

Grande mistério é o homem
ninguém tente o seu roteiro
no ano de 35
chega o moço num saveiro
pisando o cais da Bahia
lindo solo hospitaleiro.

Há alegria nos olhos
de Kyoshiro chamado
Sayuri a mulher dele
é um jasmim delicado
traz também dona Mari
sua mamãe adorada.

-
9. 1º EMPREGADO - Como se foi de viagem, seu Massao?
MASSAO - Muito bem. Enton, tudo em paz na fazenda japonês?
2º EMPREGADO - Tudo em paz, graças a Deus.
3º EMPREGADO - A vaca Mimosa deu cria. Uma bezerra cirigada.
MASSAO - Explica japonês cirigada...
3º EMPREGADO - Toda pintadinha.
MASSAO - Ah...
-

12. ANTÔNIO GARCIA - Ê boi... Vaca... Fasta vacal... Mimosa... Vamos.
Passa Morena... Vamos. Ê boi... ô lô, ô lô ... Vamos...
-

23. UM ROCEIRO - Virge, não é que o velho Massao agora tá todo pro-sa? E a pois ontem não chegaram, para morar com ele, três japoneses?

OUTRO ROCEIRO - Parentes do velho?

ROCEIRO - Quero crer.

OUTRO ROCEIRO - É um traste de gente esquisita... É os zói, é a fala: tilili, tilili, tilili...

UM VAQUEIRO - Até que a moça dos olhos rasgados é bem apanhadinha...

OUTRO VAQUEIRO - E é gente que aumenta naquela base, feito mocó...

UMA MULHER - Qual, japonês é gente séria, trabalhadora. Gente que gosta das coisas bem arrumadas. Não é como os mocosos preguiçosos deste sertão.

UM VAQUEIRO - Comadre Balbina já tá toda caída pelos japos...

MULHER - Tou falando a verdade.

UM VAQUEIRO (A OUTRO VAQUEIRO) - O coronel Amaro, da Caraíba, anda dizendo que esses gringos só sabem é explorar os empregados, pagando pouco e dando trabalho demais.

OUTRO VAQUEIRO - Conversa, homem. Explorador é o coronel Amaro. Usura como ele só. Ele tá é querendo entrar nas terras de seu Massao.

UM VAQUEIRO - É, não dei lá ouvido não. Penso que é intriga de seu coronel.

UM ROCEIRO - Então, tá a fazenda com gente nova? Novo patrão?

OUTRO ROCEIRO - É os zói, é a fala: tilili, tilili...

25. MASSAO - Fazer conhecimento para japoneses: sobrinho Kyoshiro Takeda; mulher sobrinho, Sayuri Takeda; mãe sobrinho, Mari Takeda.

(OS EMPREGADOS SERTANEJOS APROXIMAM-SE, UNS RETIRANDO OS CHAPÉUS, OUTROS ESTIRANDO OS BRAÇOS, PARA CUMPRIMENTAR OS JAPONESES - DAR A MÃO - MAS ESTES LIMITAM-SE À SAUDAÇÃO ORIENTAL: RECURVAR O CORPO E BAIXAR A CABEÇA. FICA ASSIM BEM MARCADO UM DESENCONTRO DE DUAS CULTURAS.)

UM VAQUEIRO - Muita paz e saúde...

MULHER - Senhor do Bonfim zele por todos nós.

31. 10) CORONEL AMARO (PARA UM GRUPO DE VAQUEIROS) - Já viram como os japones andam progredindo? Só penso nestes baianos bestas, empregados de "ligue-lé". Japonês é pra plantar abobrinha... Onde japonês dá importância? Importância tem é este coronel Amaro, para acobertar tudo, até o errado, se achar que o errado tá certo. Entenderam? Me admira o Antônio Garcia, um homem novo, forte, continuar ali...

UM VAQUEIRO - Mas ele era de lá, nasceu lá. A fazenda era do coronel Juvêncio.

CORONEL AMARO - Era, mas não é mais. Hoje é dum japonês. E japonês não entende de gado, só entende de horta... (ri)

VAQUEIRO - É, seu coronel, mas a fazenda do homem tá é prosperando.

CORONEL AMARO - Graças a Antônio Garcia. Agora, Antônio Garcia, se bem ouvido, devia de trabalhar era para coronel baiano, isto sim.

11) KYOSHIRO - Mim querer muito limpa, tudo. Mim querer sem preguiço.

12) EMPREGADO - Preguiço, preguiço.... (ri)

OUTRO EMPREGADO - A gente receber ordens destes zóinhos da menhã... Esta não. "Mim querer, mim querer, mim querer..."
(RISOS DOS EMPREGADOS.)

14) MASSAO - Seu Antônio ter todo cuidado. Moça quer montar. Cavalo é manso. Não deixar cavalo correr. Não deixar moça cair. Todo cuidado.

32. ANTÔNIO GARCIA (SEGURANDO UM BEZERRINHO APROXIMA-SE DE SAYURI) -
Não é bonitinho?

SAYURI (ESPANTADA) - Oh!...

ANTÔNIO GARCIA - Uma bezerrinha. Posso batizar ela de "Sayuri"?

SAYURI (SORRINDO) - Ah, si, si...

(SAYURI ABAGA A CABEÇA DO ANIMALZINHO E ANTÔNIO GARCIA
A DEVORA COM O OLHAR.)

38. ANTÔNIO GARCIA - Boa noite, dona...

SAYURI (APRESSADA E ASSUSTADA) - Bonoite.

45. 1ª PROSTITUTA - Eita, chegou o moreno bom!

2ª PROSTITUTA - Oxente! Diabo de macho bonito!

3ª PROSTITUTA - Como vai, meu Tonho! Tu hoje dorme comigo?

1ª PROSTITUTA - Baixa o fogo, sua biroba, que o homem é meu!

2ª PROSTITUTA - É meu!

3ª PROSTITUTA (ATACANDO-SE COM A SEGUNDA.) - É meu!

LUIZA - Gente, que desadorno é este?

(ANTÔNIO GARCIA APERTA LUIZA NOS BRAÇOS.)

ANTÔNIO GARCIA - Oi saudade... (SAI COM LUIZA.)

X CORONEL AMARO - O cabra chegou, já se viu. As quengas ficam tudo feito barata tonta. Diacho, só tem aqui de macho ele? E eu? Tarei perdendo meu tempo? Catona, Catona!

(ENTRA A CAFETINA TRAZENDO UMA PROSTITUTA QUASE MENINA.)

CATONA - Se ap^{er}erreie não, seu coronel. Olhe, guardei esta só pra vosmincê... Que tal?

CORONEL AMARO - Eu queria era o peixão que foi com o Antônio Garcia.

CATONA - Peixão, aquilo? Olhe, esta, é como mangaba que quer amadurar. Tá arroxando. (NO OUVIDO DO CORONEL.) Virgem...

CORONEL AMARO - Verdade?

CATONA - Limpinha, limpinha...

CORONEL AMARO - Vambora, menina...

46. LUIZA - Doido, doido...
 ANTÔNIO GARCIA - Tava torado de saudade.
 LUIZA - Ai, meu desesperado... Impaciente...

~~KNIXA~~

LUIZA - Oxente, que que tu tem? Enfarou?

56. ANTÔNIO GARCIA - Seu Massoa me desculpe o atraso. É que estive na Ponta da Serra e, quando cuidei era tarde.
 MASSAO - Tem nada. Ah, amanhã dia de folga para todos. É a "Tabanata Matsuri", festa nossa. Seu Antônio Garcia mandar cortar varas de bambu e levar elas para casa minha. Si?
 ANTÔNIO GARCIA - Vossenhoria será servido. Com a licença de vossenhoria. (SAI.)

60. SAYURI - Isto, fruto?
 ENGRÁCIA - É umbu. Uma frutinha muito gostosa. Experimente...
 (SAYURI EXPERIMENTA O UMBU E PARECE GOSTAR. SORRI.)
 ENGRÁCIA (A UMA EMPREGADINHA) - Menina, vai separar as mangabas para a compota.

63. MASSAO - Família Massao Takeda vem oferecer doce e pudim-de-arroz, e orando para a Estrela Tecelã suplica conceder sabedoria e progr^{so}so no trabalho de cada um. Massao Takeda e família lembra seus antepassados, sua gente morta.
 UM EMPREGADO - Não querem se abancar? A casa é pobre mas tá varridinha...

(NOUTRA CASA MASSAO TAKEDA REPETINDO AS MESMAS PALAVRAS OFERECE OUTRA BANDEJA DE DOCES.)

OUTRO EMPREGADO - Não querem entrar para tomar um cafezinho?

MASSAO - Massao Takeda e família agradecem.

72. MASSAO - Ah, é ^o Pd^{ro} Roque? Pedro Roque não quer entrar?

PEDRO ROQUE - Agradecido, seu Massao. Me releve se interrompi outro festejo...

MASSAO - Non importância, non importância.

PEDRO ROQUE - A gente lá, no galpão, tá também festejando, em simpatia de vosmincês da casa-grande. Então, me mandaram aqui, mode convidar vosmincês para ver um "terreiro".

MASSAO - Brigado. Massao vai levando sua gente.

88. ANTÔNIO GARCIA - Ê boi, vamos! Mimosa... Fasta, fasta boi...
Vamos...

108. ENGRÁCIA - Dona Mari pode me dizer se seu Massao já se levantou?

MARI - Como, levantou?

ENGRÁCIA - Se deixou a cama e foi tomar o café.

MARI - Ah, si, entendi. Non vi Massao. Na sala, na hora ^{lá}. Lugar nenhum vi Massao. Mim, preocupada Massao...

110. MARI - Dona Engrácia... porta Massao fechada. Mim pede chamar pessoa abrir porta. Mim estar agoniada...

112. (INTERJEIÇÃO DE SURPRESA DE TODOS.)

ENGRÁCIA - Seu Massao, seu Massao!...

115. PEDRO ROQUE - Seu Kyoshiro, encontrei isto na mesinha de cabeceira do patrão.

KYOSHIRO (LENDO A CARTA EM SILÊNCIO, DEPOIS EXCLAMA) - Esta parte ser em "brasileiro". Seu Roque quer ler isto aqui?

PEDRO ROQUE - "Recomendação. Recomendo, expressamente, ao tabelião de Bonfim, senhor Isidoro Neves, a transmissão de todos os meus bens ao meu sobrinho Kyoshiro Takeda."

116. KYOSHIRO - Senhor Garcia...

KYOSHIRO - Senhor está fora fazenda. Pago três salários. (RETIRANDO O DINHEIRO DO BOLSO.) Aqui está. Poder senhor Garcia levar cavalo sua estimaçon.

ANTÔNIO GARCIA (SERENO) - Um salário me basta. O outro é para a compra do cavalo. Não quero cavalo seu de presente. E o terceiro ~~terceiro~~ ^{pagamento} salário não recebo. Faça dele bom proveito. (DEVOLVE O RESTANTE DO DINHEIRO A KYOSHIRO E LHE DÁ AS COSTAS, SAÍDO.)

119. ANTÔNIO GARCIA - Adeus, seu Pedro Roque, até um dia.

PEDRO ROQUE - Se Deus quiser.

ANTONIO GARCIA (A OUTRO ACOMPANHEIRO) - Adeus.

COMPANHEIRO - Adeus.

120. ANTÔNIO GARCIA - Cristão de Deus, o que foi isto?

CANGACEIRO - Vou morrer, vou morrer... Mas me enterre, lhe peço, para não ser comido pelos urubus. Os "macacos" me acertaram. Podia avisar minha família, na Manga Rosa? Os Maldonados. Também o chefe do bando, Aparício Meireles, que deve andar lá para os lados da Chapada da Ema.

(O CANGACEIRO MORRE E ANTÔNIO GARCIA, AUXILIADO POR UM FACÃO, QUE TRAZ JUNTO AO ALFORJE, VAI DERRAMANDO A TERRA ARENOSA POR CIMA DO CORPO DO CANGACEIRO;)

121. ANTÔNIO GARCIA - Podia me dizer onde moram os Maldonados?

UM RAPAZINHO - É lá, acolá. Vá sempre em frente, depois quebre à direita.

ANTÔNIO GARCIA - Agradecido.

(ANTÔNIO GARCIA SE AFASTA E O RAPAZINHO SAI A CORRER EM DIREÇÃO OPOSTA.)

1º SOLDADO - Nem mais um passo! Mãos pra cima!

2º SOLDADO - Esteja preso!

3º SOLDADO - Cangaceiro atrevido!

ANTÔNIO GARCIA - Moço...

2º SOLDADO - Não fala que eu te passo fogo!

(GRITOS DE UMA MULTIDÃO DE CURIOSOS, EM VÁRIOS
TONS:)

- Cangaceiro!

- Cangaceiro!

- Cangaceiro!

- Um/ cangaceiro!

- Do bando de Aparício Meireles!

- Do bando!

122. TENENTE RUBIÃO - Ordinário e audacioso. Passando aqui, pela Manga Rosa, feito um coronel, hem? Agora tu vai me dizer - fuleiro - onde anda teu chefe. Ou tu confessa ou eu te torço osso por osso. Te espremo o saco, tá bom!

ANTÔNIO GARCIA - Eu não sei, não sei. Juro! Eu sou um inocente, um inocente!

TENENTE RUBIÃO - Ah, é inocente? Não sabia. Fala!

ANTÔNIO GARCIA - Eu sou um cristão. Um cristão! Pelo amor de Deus!

TENENTE RUBIÃO - Mole que dá nojo. Vamos acabar com esta fe-meação!

ANTONIO GARCIA - Encontrei um homem morrendo e que me pedia um favor. Foi o que eu já contei. E é só o que eu sei. Tava vindo da Fazenda do Japonês. Lá todos me conhecem, desde menino.

TENENTE RUBIÃO - Pois se não é bandido, é coiteiro, o que vem dar na mesma coisa. É olheiro de cangaceiro. Verdade que no rifle que tu traz está escrito o nome de Duca Maldonado. Mas coiteiro tu é. Vai dormir na cadeia pra refrescar a memória e amanhã tu vai contar tudo. Tudinho. Levem o peste.

124. TENENTE RUBIÃO - Ê, nada foi apurado de positivo e por isto - por bondade minha - te dou a liberdade. Mas desapareça destes arredores e não se meta mais com cangaceiro.

ANTÔNIO GARCIA - O destino da gente, seu Delegado, é Deus quem escolhe, e tanto leva para longe como para perto. Até um dia.

125. KYOSHIRO - Assim, a mão firme no arado... Vamos...

1º EMPREGADO - A pura verdade. Um primo meu, da Manga Rosa, me contou tudo. Que devido ter Antônio Garcia aparecido na cidade com um rifle de cangaceiro. ^{2º} Foi preso por um destacamento e pra confessar o que eles queriam que ele confessasse... ah bom, apanhou, entrou no pano de facção. E a pois ele podia dizer que era cangaceiro, sem ser?

PEDRO ROQUE - Aquele Delegado, aquele tal de Tenente Rubião, é homem desalmado.

2º EMPREGADO - Vige, aquilo é cruel por demais. Pior, mais muito pior que Aparício Meireles, o chefe do bando. Sou capaz de apostar.

PEDRO ROQUE - Logo com seu Antônio Garcia... Um homem tão sereno... Porque enterrou um cangaceiro... E o dever do cristão não é também enterrar os mortos?

1º EMPREGADO - É a pois?

2º EMPREGADO - Sei não. Mas pra mim é capaz do homem... Foi despachado daqui sem consideração e lá na Manga Rosa foi martirizado. Pra mim é homem de destino cortado.

1º EMPREGADO - Ah, isto é. Agora é partir pra outra.

PEDRO ROQUE - Pois é. O homem põe e Deus dispõe.

126. ANTÔNIO GARCIA - Oi de casa...

SITIANTE (APARECENDO) - Epeie-se e se abanque.

ANTÔNIO GARCIA - Para um pedido de notícia. Me informaram que vosmencê é coiteiro de Aparício Meireles...

SITIANTE - Pois informaram mal. Não quero complicação. Quero

viver em paz.

ANTÔNIO GARCIA - Sou amigo dos Maldonados da Manga Rosa. Duca morreu e eu fui torturado pelos "macacos" do Tenente Rubião. Me entende agora?

SITIANTE - E o que eu posso fazer, seu moço?

ANTÔNIO GARCIA - Me informar onde está o bando de Aparício.

SITIANTE - Aquele Tenente Rubião é homem ^{cascavel...} ~~desalmado~~. Sei que está falando sinceridades. A pois bem, o bando de Aparício se encontra a coisa de duas léguas daqui, nesta direção, na localidade de nome Chococho.

ANTÔNIO GARCIA - Agradecido. Até um dia.

SITIANTE (SORRINDO APARVALHADO) - Vai sangrar muito "macaco"...

128. CANTADOR - No bando pelas caatingas
nos cavalos a correr
nas cruveadas das serras
fazendo a terra tremer
em riba da pedra dura
duros cascos a bater.

Oh sina de Antônio Garcia
homem bom e muito honrado
transformou-se de repente
num bandido renegado
assaltando os fazendeiros
da polícia procurado.

Para Antônio agora o Chefe
era Aparício Meireles
o mais feroz cangaceiro.
No bando também tinha Félix
Branco, Batista e Graveiro
e no sangrar tinha o Teles.

130. MEIRELES - Então, o que tu quer é se vingar do japonês? ou é a mulher dele? Pensei que tu queria era apanhar o Tenente Rubião, apanhar peste, humilhar, fazer aquilo se arrastar a teus pés, beijar teus pés, te pedindo caridade, e tu tocando um pontapé nos bagos dele e plá, plá, plá... meter fogo! (RI)

ANTÔNIO GARCIA - Também ele não vai escapar da alça de meu rifle. Mas, o que eu quero - primeiro que tudo chefe Meireles - é a japonesinha. Só penso nela nos meus braços, esmagando ela como quem esmaga uma flor. De amor.

MEIRELES - Não faço gosto em ter homem apaixonado no meu bando. Homem do meu bando mata paixão é nos cabarés. Mulher no bando é estropício, entendeu?

ANTÔNIO GARCIA - Carregando a Sayuri, também tou humilhando o marido dela, aquele tal de Kyoshiro. E ele bem que está a merecer um par de chifres.

MEIRELES - Chifre e bala, tá bom?

ANTÔNIO GARCIA - Tá bom, chefe. Chifre e bala. Então, estamos bem perto da Fazenda do Japonês. Conheço todos estes pastos. Podemos dar o cerco? Só penso em ter Sayuri nos meus braços.

MEIRELES - Paciência, menino. Mulher no bando - escuta o que eu te digo - é estropício.

133. MEIRELES - Apaguei. Pra mim uma cova e só. Sem lastimação. Você, Garcia, doravante é o chefe.

134. KYOSHIRO - Cem mil-réis a cabeça...

FAGUNDES - Valei-me minha Nossa Senhora, que o japona tá carregando no preço. Cem mil-réis por um boiote?

KYOSHIRO - Gado todo bem ^{tudo} trado, muito gordo.

FAGUNDES - Não desfaço das gordurinhas deles, mas seu Kyoshiro, faça uma diferençazinha. Quer oitenta mil-réis? Eu levo tudo.

KYOSHIRO - Japonês deixa por noventa. Só.

FAGUNDES - Homenzinho teimoso... Tá bem, eu compro. Mande deixar os boiotes na Gameleira. O dinheiro tá lá, esperando.

KYOSHIRO - Combinado.

FAGUNDES (NOUTRO TOM DE VOZ) - Sabia que aquele seu antigo capataz, o Antônio Garcia, ~~que~~ está no bando do Aparício Meireles? Deram agora de atacar tudo que é propriedade. Não é uma praga? Matam, roubam e defloram. Uma desgraça. Antônio Garcia, quem diria, hem?

KYOSHIRO - Não me admira. Ele é muito audacioso.

FAGUNDES - Pois tome tenção. Me disseram que ele jurou vingar-se de si.

KYOSHIRO - Senhor Fagundes, eu não tenho medo nem dele nem do bando dele. Se atacar leva troco.

FAGUNDES - Isto! Mas seu Kyoshiro, não desdenhe... Adeus.

136. 1º EMPREGADO - Dizem que Antônio Garcia é agora o chefe do bando. Que Aparício Meireles morreu. Acredito não.

1º VAQUEIRO - A pois é verdade. E já vi até dizer que eles andam rondando por estas paragens.

2º VAQUEIRO - Ontem divisei, à boquinha da noite, um vulto a cavalo, entrando na caatinga, mode como se estivesse se escondendo... Me passou uma coisa no corpo, pois meus cabelos do braço ^o do cangote, se afuloraram todo...

1º EMPREGADO - Eita Nezinho, que tu é um bocado medroso. Garanto que se tu te encontra com Antônio Garcia tu tem um vágado.

2º VAQUEIRO - É. Tem gente que canta de valente porque inda não viu nada. Mas vendo um cangaceiro, com aquele chapelão chamejante, era capaz de se borrar.

1º EMPREGADO - Pois qualquer dia deste tou te vendo de perna lambuzada. Lá se vem Antônio Garcia...

(O 2º Vaqueiro entra em pânico. Os outros riem.)

1º VAQUEIRO - Já vi cabra medroso...

137.

CANTADOR - Retratos de todo tipo

na cidade apareciam

as volantes que o prendessem

grande soma recebiam

aqueles que o matassem

na cadeia não sofriam.

Saía o fogo da pólvora

da fumaça o nevoeiro

que o fogo clareava

da sala até o terreiro

ali não tinha clemência

pois Garcia era um guerreiro.

Toda gente já sabia

aquel'homem é condenado

ninguém pode conhecê-lo

porque anda disfarçado

anda em traje de mendigo

de mulher, de potentado.

Um dia diz o Tenente:

cangaceiro não me afronta

tuas balas não me furam

e teus punhais não têm ponta

pois filho da Paraíba

não leva bandido em conta.

139.

KYOSHIRO (A PEDRO ROQUE) - Vou a Juazeiro. Kyoshiro está de volta fim da semana. Tomar conta minha família.

PEDRO ROQUE - O chefe pode viajar descansado. Vossa família terá todo o meu zelo e cuidado. Adeus.

143. ANTONIO GARCIA (A PEDRO ROQUE) - Diz a teu patrão que eu voltei para buscar a mulher dele, e que a japonesinha me quer. Adeus.

144. PEDRO ROQUE - Desgraça, patrão, desgraça! Foi uma fuzilaria. Nos pegou desprevenido. Me deram uma coronhada e me amarraram. Queriam que eu testemunhasse tudo. Dona Mari foi morta e vossa esposa raptada por Antônio Garcia. Desgraça, meu Deus, desgraça! Oi dia infeliz!

146. KYOSHIRO - Sele o cavalo.

148. PEDRO ROQUE - Seu Kyoshiro, aonde vai vosmincê? Aonde vai vosmincê sem carregar arma de fogo? Bem que eu podia pajear vosmincê... Posso? Já mandei um portador dar parte ao Delegado, do acontecido... Seu Kyoshiro, aonde vai vosmincê sem carregad^r arma de fogo?

VOZ DO CANTADOR - ~~veja~~ ^{veja} sorte ~~2~~ dos nipões
nestes sertões brasileiros
levando o moço a enfrentar
um bando de cangaceiros
cujo chefe raptara
Sayuri - d'olhos faceiros.

151. ANTÔNIO GARCIA - Quando vosmincê ordenar, largo tudo isto. A gente vai para São Paulo, viver vida decente. Não quero ser bandido, me entenda. Quero ser um escravo de vossa formosura...

152. ANTÔNIO GARCIA - Sayuri pode vestir roupa japonesa?

ANTÔNIO GARCIA (CONTEMPLANDO-A NO QUIMONO) - Sayuri, Sayuri, quando vosmincê quiser largo tudo isto. Sayuri, Sayuri...

153. ANTONIO GARCIA - Mulher, sob minha guarda, não é para o bico de ninguém. Cavem uma cova e enterrem Zé Serafim. Sirva o exemplo.

154. ~~Senh~~ KYOSHIRO - Senhor podia informar onde mim achar pousada?

MATIAS - Vossoria não vem da Bahia?

KYOSHIRO - Si.

MATIAS - Fazendeiro? Da Fazenda do Japonês?

KYOSHIRO - Si.

MATIAS - Ah, então dê cá um abraço! Meu nome é Matias Barbo-
 seu criado.
 sa. Não é Kyoshiro Takeda? Meu compadre Pedro Roque, que é também desta terrinha, me escreveu relatando todo o acontecido. Uma desgraça! Os malditos cangaceiros... Compadre Pedro Roque continua t~~tr~~atando da fazenda, à espera de vossoria. Ele espera que vossoria volte em breve.

KYOSHIRO - É, um dia voltarei. Mas quando cumprir minha missão. Quando encontrar o bando e matar um por um.

MATIAS - Vossoria vai rec^utar um batalhão? Por vossoria eu me engajo nesse batalhão. Vamos acabar com a praga dos cangaceiros. Agora vossoria fica hospedado é comigo. ~~Vossoria~~ ^{Ele} meu hóspede. (GRITANDO.) Oi Maria, vem cá, vem conhecer o patrão do compadre Pedro Roque!

155. ANTONIO GARCIA - Encontro no Barro Branco. Debandar volteando, aos gritos.

158. ANTONIO GARCIA - Ei, aqui, todos. (OS CANGACEIROS SE REUNEM EM TORNO DE ANTONIO GARCIA.) Quatro de vocês vão agora, em Massacara, para trazer seu vigário...

UM CANGACEIRO - Gente, pra que diabo vosmincê quer um vigário?

ANTONIO GARCIA - Para rezar uma missa. Estamos carecidos de uma missa. E de já destaco a comitiva. Vão o Pernambuco, Casca Fina, Jurubeba e João Sereno.

159.

PADRE - Prot~~e~~sto, eu protesto! Fui raptado, fui raptado!
Um sacerdote de Deus raptado! Isto é uma violência, uma
violência!

ANTÔNIO GARCIA - Me bote a sua benção, padre Ponciano, e muita calma, lhe peço. Aqui ninguém é hereje. Tenha paciência que eu também tou cheio de paciência.

PADRE - Me arrancar da minha paróquia como uma noiva roubada! Ai, desalmados, estou cheio de assaduras...

ANTÔNIO GARCIA - Isto passa, padre Ponciano. É falta de traquejo. É que a polpa tá mole. Mas a gente quer é uma missa. A gente também é filho de Deus.

PADRE - Tá bom. Se tão arrependidos, é porque são ^{memos} ~~também~~ filhos de Deus. Minha benção para todos. (ABENÇOA OS CANGACEIROS.) Oxente, tem até mulher japonesa no bando?

(NENHUM CABRA SORRI COM A PERGUNTA DO PADRE. SILÊNCIO GERAL.)

ANTÔNIO GARCIA - A gente quer é uma missa, seu vigário.

PADRE - Não tenho nem ajudante.

ANTÔNIO GARCIA - Tem João Sereno, que já foi coroinha no Píncó.

ANTÔNIO GARCIA (REZANDO, MEIO CANTADO.):

"Eu sou o ferro
tu és o aço
eu faço a cruz
com ela me abraço.

Hoje faz quarenta dias
que não rezo o credo em cruz
entre a pedra e o fuzil
grande nome é o de Jesus!

Grande nome é o de Jesus
pois Jesus nascido é.
Entre a pedra e o fuzil
Jesus, Maria e José."

PADRE - Agradeço o óbulo. Não importa de onde veio. Ele será empregado nas obras da igreja.

ANTÔNIO GARCIA - Da Igreja dos pobres...

PADRE - Peço um cavalo para eu voltar.

ANTÔNIO GARCIA - Jurubeba, traz aquele jumentinho...

(JURUBEBA TRAZ UM JUMENTO SELADO.)

ANTÔNIO GARCIA - Seu vigário vai neste bichinho que é abençoado de Deus. Tem a marchinha maneira. Não machuca as partes de seu vigário. Jurubeba, ajuda o padre a montar...

(O PADRE SAI. GARGALHADAS DOS CANGACEIROS.)

ANTÔNIO GARCIA - Um santo homem, um santo homem...

161. KYOSHIRO - Favor reapertar ferradura animal, e este?

FERREIRO - Ih, mas o cavalinho de vosmincê tá é estropiado...

Muito cansado. Não bota mais duas léguas. Agora, eu tenho um cavalinho estradeiro, bom na marca. Se o moço quiser negócio a gente faz. Liás, é este. (MOSTRA UM CAVALO AMARADO AO TRONCO DE UMA ÁRVORE.) Quer ver? (MONTA O ANIMAL, DEPOIS VOLTA, ~~DESAPEANDO-SE~~ DESAPEANDO-SE.)

162. PADRE - Bom dia. O moço está visitando a cidade? É caixeiro-viajante?

KYOSHIRO - Mim estar de passagem.

PADRE - Gozado... Pois não é que eu conheci ontem, num bando de cangaceiro, uma japonesa? Muito mocinha e bonita. Vossa senhoria também não é japonês?

KYOSHIRO (CONTROLANDO A EMOÇÃO) - Sou. Mas não tenho parente por estes lugares. (AO FERREIRO) Quando pede pelo animal?

FERREIRO - Vosmincê me dando cem mil-réis mais o baiozinho de quebra...

KYOSHIRO - É. A gente faz negócio. (DÁ O DINHEIRO. O FERREIRO PÕE O DINHEIRO NO BOLSO E VAI SELAR O ANIMAL. KYOSHIRO SEGURA A SUA ARCA.)

KYOSHIRO - Enton padre viu bando? Muita cangaceiro no bando?

Pra onde viajar o bando?

PADRE - Bom, o bando não me pareceu muito grande. Uns dez cabras. Mas, naturalmente, boa parte dos cangaceiros devia andar por aí, nas escaramuças.

KYOSHIRO - E pra onde ia?

PADRE - Pro povoado da Onça. Ah, isto eu não sei dizer.

KYOSHIRO - Da Onça?

PADRE - Que Onça, que nada. Se um ente daqueles me dissesse que está indo para o Norte, sou capaz de jurar como o destino é o Sul. Gente muito esquisita e desconfiada. Só não me fizeram mal porque sou vigário de Cristo. Mas quando vi aqueles chapéus brilhando de moedas de prata, aqueles rifles... Ai que me correu um frio no espinhaço...

(KYOSHIRO ESTÁ PERPLEXO.)

PADRE - Então é caixeiro-viajante? Sem parente, nem aderente? Gozado... eu jurava como aquela...

KYOSHIRO - Japonês não ter parente. Já disse. Sayonara.

PADRE - Vá com Deus, meu filho.

PADRE - Japonês... japonesa... é, gozado...

172. CEGO - Gente, o miserê tá demais nesta vila da Onça. Mas quem sabe o povo do Garcia não me dá um esmolão? Custa pedir? Mas vai ver os cabras tão tudo no cabaré. (CANTANDO.) Meus irmãos me dêem uma esmola, por obra de caridade...

186. CANTAIDOR - ^{Zunindo as} ~~Valeram-se de~~ suas armas,
cada qual o mais ligeiro
os dois homens se travaram
em luta pelo terreiro
o punhal dava faísca
a espada era um luzeiro.

O X marcava os dois homens
e as roupas esfrangalhadas
nem um deles via o sangue
nem um deles refugava
brigavam como dois touros
~~teste com teste~~
~~chifre com chifre~~ encontrados.

GPS

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA

AGOSTO/74

RIO